



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MARIA NÁDIA DA SILVA LEAL

**SUSSUAPARA: BREVE HISTÓRICO ECONÔMICO E SOCIOCULTURAL
(1990-2000)**

**PICOS – PI
2023**

MARIA NÁDIA DA SILVA LEAL

**SUSSUAPARA: BREVE HISTÓRICO ECONÔMICO E SOCIOCULTURAL
(1990-2000)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. José Lins Duarte

PICOS – PI

2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L435s Leal, Maria Nádia da Silva
Sussuapara : breve histórico econômico e sociocultural (1990-2000)
[recurso eletrônico] / Maria Nádia da Silva Leal - 2023.
46 f.

1 Arquivo em PDF
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do
Piauí, Licenciatura em História, Picos, 2023.
“Orientador: Dr. José Lins Duarte”

1. História - cidade - Sussuapara - PI. 2. História econômica. 3. História
cultural. 4. Emancipação política. 5. Educação local. I. Duarte, José Lins. II.
Título.

CDD 981.22

MARIA NÁDIA DA SILVA LEAL

**SUSSUAPARA: BREVE HISTÓRICO ECONÔMICO E SOCIOCULTURAL
(1990-2000)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História.

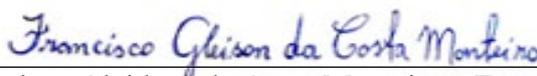
Orientador: Prof. Dr. José Lins Duarte

Banca Examinadora:



Prof. Dr. José Lins Duarte (orientador)

Universidade Federal do Piauí



Prof. Dr. Francisco Gleidson da Costa Monteiro – Examinador

Universidade Federal do Piauí



Prof. Mes. Jonatas Lins Duarte – Examinador

Universidade Federal do Piauí

Aprovado em 31/03/2023

À toda a minha família, por toda a contribuição
no trabalho. A Deus, por me sustentar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Depois de um longo caminho percorrido até aqui, com dedicação, superação e muitas vitórias às vezes árduas, porém sempre consagradas, posso dizer com orgulho que mais uma etapa da minha vida foi vencida, agora mudam-se as metas e as expectativas para novas conquistas.

Agradeço primeiramente a Deus que conduziu os meus passos, dando-me força no campo espiritual, esperança e sabedoria para passar por todos os obstáculos encontrados.

Aos meus pais Raimundo Nonato Leal (in memoriam) eterno exemplo e a minha mãe Maria Edileusa da Silva, minha rainha que sempre me deu amor e suporte para me torna uma pessoa cada dia melhor, me guiando sempre pelos melhores caminhos, motivando-me a nunca desistir dos meus sonhos, me mantendo sempre de cabeça erguida perante as dificuldades encontradas não só acadêmicas como na vida de um modo geral, tenho todo amor, carinho e admiração por você mãe. Essa conquista também é sua.

Ao meu irmão Naelton pelo apoio e incentivo.

À minha sobrinha Emilly Nauane pelas alegrias diárias que foram de suma importância para me ajudar a superar com alegria e serenidade os dias difíceis.

Aos meus irmãos que não são de sangue mais são de “coração” Deyse, Alexsandra, James e Jones minhas “pestitinhas favoritas”, que carrego comigo desde o ensino infantil, obrigado por todas as conversas compartilhadas na van, pelo carinho, incentivo e alegria contagiante de vocês que fizeram com que essa minha caminhada fosse menos espinhosa e mais alegre.

Quero agradecer de forma especial ao meu querido orientador José Lins Duarte, que contribuiu com muitas sugestões e críticas construtivas para a construção e solidificação desse trabalho, me dando toda atenção necessária, transmitindo o seu conhecimento, tornando-se uma pessoa admirável, dedicado a sua profissão com muita simplicidade, pontual e honesto, mostrando e comprovando a cada dia ser um ótimo profissional, resultando em um grande ser humano que ajuda enriquecer de forma grandiosa o mundo dos trabalhos acadêmicos.

Às minhas Amigas de grupo Edna Rocha, Dannyelle Leal, Mercês Sousa, Kennya Raissa e Ana Carolina Caminha, a famosa “Carminha”. Quero agradece-las por todo carinho, companheirismo, conhecimentos adquiridos e vividos com cada uma, que nos envolveu e nos deixou unidas durante todo o curso, crescendo uma amizade linda, sincera e verdadeira. Sei que a nossa amizade não se acabara aqui e como sempre digo levarei vocês da UFPI pra vida. Amo a todas.

Gostaria de agradecer em especial a Edna Rocha, uma amiga para todas as horas. Obrigada querida por toda generosidade estendida, paciência, alegria e conversas muitas vezes paralelas mais que sempre tinha algo a nos ensinar, fazendo toda a diferença e tornando a caminhada menos árdua. Sua amizade é extremamente valiosa.

Não posso deixar de agradecer as minhas irmãs de coração Larisse e Oziana, que sempre me ajudaram, pessoas que desde o primeiro dia de aula simpatizei pela simplicidade e generosidade, sempre dispostas a ajudar e dar incentivo de persistência ao próximo, tornando-as grandes seres humanos e amigas admiráveis, dignas de se espelhar.

À minha amiga Fernanda, mulher batalhadora e admirável, que sempre tinha uma palavra positiva para nos dizer perante as dificuldades, levando sempre um sorriso no rosto, e compartilhando seus conhecimentos com muita simplicidade.

As minhas amigas de infância Elane, Adryelle, Maria Eduarda. Obrigada pela amizade e torcida.

Ao motorista da Van Zé Costa, por todos os momentos de alegria vivenciados em sua Van.

A José Elierson, por toda a gentileza de se dispor do seu tempo a me ajudar, dando-me desde o início inúmeras contribuições para construção desse trabalho.

Aos meus entrevistados pela boa intenção de se dispor do seu tempo para conversar comigo sobre suas vivências, sempre com muito respeito, fazendo que através de suas memórias fosse possível construir essa história.

Obrigada a todos os sábios mestres da História pelos ensinamentos repassados e adquiridos por mim. Por nos ensinarem no dia-a-dia a nos tornarmos cidadãos do bem e ativos perante uma sociedade.

Meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a conclusão desse trabalho. Amo vocês.

“O templo era o imã que reunia o grupo”. (Raquel Rolnik)

RESUMO

O presente trabalho visa compreender como ocorreu o processo de povoamento e desenvolvimento do antigo povoado Sussuapara, bem como a seu período de Emancipação, enfatizando a sociedade, a cultura, o trabalho e a educação do atual município. Foram analisadas as suas transformações ocorridas nos diversos setores entre os anos de 1990 a 2000, período no qual ocorreram acontecimentos significativos para a população sussuaparense. O trabalho é fundamentado em fontes orais, visuais e bibliográficas. Tendo a História Oral como importante mecanismo para adquirir respostas através dos depoentes que nos levassem a entender o processo de construção dessa história local, ao qual estes ajudaram a construir. O trabalho aponta os principais motivos que levaram aquela população sussuaparaense a buscar sua emancipação e reconhecimento enquanto cidade, visando entender esse movimento no âmbito social, cultural e político, religioso e educativo, pesquisando sua trajetória, crenças e mitos, enfatizando a economia, educação e os problemas sociais que afetavam o cotidiano da população.

Palavras-chaves: Sussuapara. Cultura. Educação. Emancipação. Economia.

ABSTRACT

The present work aims to understand how the process of settlement and development of the ancient settlement of Sussuapara occurred, as well as its period of Emancipation, emphasizing the culture, work and education of the current municipality. Its transformations that occurred in the various sectors between the years 1990 and 2000 were analyzed, a period in which significant events occurred for the population of Sussuapar. The work is based on documentary, oral, visual and bibliographical sources. Having Oral History as the greatest mechanism to acquire answers through the deponents that would lead us to understand the process of construction of this local history, which they helped to build. The work points out the main reasons that led that Sussuaparaense population to seek its emancipation and recognition as a city, aiming to understand this movement in the social, cultural and political, religious and educational scope, researching its trajectory, beliefs and myths, emphasizing the economy, education and the social problems that affected the daily life of the population.

Keywords: Sussuapara. Culture. Education. Emancipation. Economy.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Representação da cidade no estado do Piauí.....	13
Figura 2 – Unidade Escolar São Sebastião.....	31
Figura 3 – Professora Maria Moura Barros de Sousa.....	32
Figura 4 – Padre José Ignácio de Jesus Madeira.....	38
Figura 5 – Igreja católica São Sebastião.....	39
Figura 6 – Igreja católica Nossa Senhora de Fátima.....	40
Figura 7 – Templo da Igreja Assembleia de Deus.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 PRIMEIRAS POVOAÇÕES DO PIAUÍ.....	18
1.1 UM BREVE DEBATE HISTORIOGRÁFICO.....	18
1.2 OCUPAÇÃO DO POVOADO SUSSUAPARA.....	20
2 OS MOTIVOS QUE DESENCADARAM O DESEJO DE EMANCIPAR SUSSUAPARA.....	25
2.1 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PARAR DESMEMBRAR O POVOADO SUSSUAPARA DE PICOS.....	25
3 PANORAMA SOCIOCULTURAL.....	29
3.1 FORMAÇÃO DA CIDADE	29
3.2 EDUCAÇÃO E EDUCADORAS NA SUSSUAPARA.....	31
3.3 A EDUCAÇÃO SUSSUAPARENSE ENTRE 1990 E 2000.....	34
3.4 RELIGIOSIDADES.....	36
3.5 FESTIVIDADES.....	42
3.6 ARTES E ARTISTAS.....	44
3.6.1 Culinária.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Compreender a evolução da sociedade ou de um dos seus componentes, no decorrer do tempo, como por exemplo, a educação, as tradições culturais e toda a origem dos pressupostos que fazem parte da evolução e do desenvolvimento, corresponde ao que chamamos e conhecemos por história social (BRESCIANI, 1985).

Segundo Pinsky (2005), cabe, então, à história social retratar padrões de cultura através da descrição de pensamentos e sentimentos que são características de uma época, incorporados ou expressos nas vivências e nas experiências de um povo característico de uma região. A cidade se constituirá no observatório privilegiado da diversidade. Ela coloca o mundo na história e traz para o presente o legado das gerações mortas e de suas heranças imortais.

Diante disso, a presente pesquisa surgiu do interesse em se trabalhar aspectos econômicos e socioculturais que envolveram a cidade de Sussuapara, localizada no Centro-Sul do Piauí. O tema escolhido para a abordagem foi “um breve estudo sobre a historiografia da cidade, em um recorte temporal de dez anos (1990-2000)”, tendo em vista a necessidade de uma maior compreensão desta cidade devido à escassez de fontes históricas que sirvam de material de apoio à população para conhecimento do seu local de moradia.

Desse modo, a escolha da temática se deu em virtude de constantes curiosidades sobre o desenvolvimento histórico da Sussuapara (PI), com o interesse constante em aprofundar o seu estudo sobre esse período, propiciando a elaboração de novos conteúdos e pesquisas, bem como contribuindo para a construção de uma narrativa histórica com base também nos fragmentos de memória sobre a comunidade.

Este processo de ocupação das terras de Sussuapara, assim como outras do Estado do Piauí, teve suas origens em virtude de sua localização junto a rios, com as instalações de fazendas, favorecendo, assim, práticas de plantações, pecuária, agricultura e outras práticas que foram relevantes no seu movimento de criação. Para chegarmos a esses entendimentos, fizemos, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica tomando como base: Carvalho (2009), Castelo Branco (2012), Santos (2007), Abreu e Nunes (1995), entre outras autoridades no assunto.

Buscamos, através do estudo, respostas para a questão norteadora da pesquisa, que é: quais os principais encaminhamentos que levaram uma parcela da população, até então, do bairro picoense, a tomarem distintos direcionamentos no contexto pós-emancipação?

Como objetivo principal da pesquisa, buscou-se compreender os aspectos que levaram os integrantes do bairro, as permanências e mudanças nessa nova conjuntura no âmbito social,

cultural e econômico. Tomando como direcionamentos, verificar uma breve trajetória da cidade, apresentando também engajamentos sociais, culturais e a influência da economia no procedimento antes e depois da emancipação e dissertar sobre como ocorria o processo da educação que permeou a construção da história dos sussuaparenses.

O município de Sussuapara fica localizado na microrregião de Picos (Ver Figura 01), compreendendo uma área irregular de 208 km², limitando-se ao Norte com: São José do Piauí e Bocaina; ao Sul: Picos e Geminiano; ao Leste: Santo Antônio de Lisboa e Bocaina; a Oeste: Picos e Santana do Piauí. Segundo dados do IBGE (2015), a cidade de Sussuapara contava, até o ano em questão, com 6.235 habitantes.

Figura 1 – Representação da cidade no estado do Piauí



Fonte: Google Imagens

Pelo número estimado hoje, o crescimento populacional sempre foi lento, devido à proximidade com a cidade de Picos, considerada um dos maiores pontos de comércio da região. A Sussuapara começou seu processo de desmembramento do município de Picos, para que fosse elevada à categoria de cidade, pela lei de nº 4.810 de 14 de dezembro de 1995, entretanto, sua independência administrativa começou a partir de 01 de janeiro de 1997, quando foi empossada com o primeiro prefeito, cujo nome é Miguel Ferreira da Rocha.

De acordo com o portal da transparência da cidade, o município, atualmente, possui os poderes Executivo e Legislativo. O poder Executivo é constituído pelo prefeito e vice-prefeito; o Legislativo pela câmara Municipal composta por nove vereadores; o poder Judiciário, entretanto, pertence ao município de Picos, por questões de comarca, já que, até então, o Ministério Público atuante na cidade é o de Picos.

Para a realização desta pesquisa, fez-se necessário recuar ao recorte temporal estabelecido nesse estudo, os anos de 1990 a 2000, período em que foram formados os embasamentos na busca da autonomia política, até os anos iniciais como município emancipado, perpassando pelos três primeiros anos de mandato do primeiro prefeito, para que se compreenda como se originou a história local, analisando de que forma se deu o seu povoamento, quais foram os seus primeiros habitantes, os motivos pelo quais escolheram essas terras para fixarem suas primeiras moradias e o seu modo de viver. Também buscamos compreender como foram se expandindo as primeiras famílias desse ex-povoado de Picos, fazendo uma análise do cotidiano desses habitantes até se tornar cidade.

Todos esses aspectos sobre o processo de povoamento que são abordados nessa pesquisa foram discutidos de forma breve, mas enriquecedora, fornecendo questões importantes que proporcionaram aos pesquisadores e possíveis leitores entenderem os encaminhamentos desse período estudado nos aspectos culturais, educacionais e formas de trabalho.

Mostrar as necessidades e os encaminhamentos dados pelos moradores, demonstrando a importância de um estudo sobre a história de uma cidade é muito interessante, ao modo que nos possibilita fazer uma discussão sobre tempo e memória, conceitos esses destacados ao longo do texto. Em virtude disso, ao estudar a temática história das cidades, faz-se necessário ir em busca de nossos antepassados, objetivando conhecer, através da memória, as várias facetas as quais permearam essa história local. Desse modo, Halbwachs (2006, p. 10), sobre a memória, diz que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós”.

Então, fica explícito, assim como nos evidencia Halbwachs (2006), que através das memórias que os indivíduos carregam consigo, podemos, nós, pesquisadores, leitores, compreendermos as suas lembranças antepassadas na condição de memória coletiva. E essa abordagem é importante, pois, quando se trata de cidades consideradas pequenas, como é o caso da Sussuapara, não há muito material disponível, necessitando, assim, de uma pesquisa pautada em relatos de pessoas que estiveram envolvidas no processo de emancipação.

A metodologia desta pesquisa está fundamentada em análises bibliográficas e em fontes orais, destacando o uso da oralidade que, para Freitas (2002, p.18), é: “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. Freitas (2002) entende que a História Oral é o método mais adequado para compreender a “narrativa da experiência humana” e que, através de recursos eletrônicos, esse método se torna uma técnica na produção de conhecimentos. A História Oral pode ser vista não só como um método, mas também como um meio de criar fontes, pois, ainda conforme Freitas (2006, p. 19), ela “tem como principal finalidade criar fontes históricas. Portanto, essa documentação deve ser armazenada, conservada, e sua abordagem inicial deve partir do estabelecimento preciso dos objetos da pesquisa” (FREITAS, 2006 p. 19).

Diante disso, buscamos utilizar como metodologia a pesquisa de campo, com entrevistas, no intuito de compreender o seu povoamento por meio de sujeitos idosos da cidade, que vivenciaram parte dessa construção local, ou que trazem consigo memórias repassadas por seus pais e avós que, com certeza, vivenciaram de perto o processo de povoamento dessas terras. Nesse âmbito, Pollak (1986, p. 13) já dizia que “se o controle da memória se estende aqui à escolha de testemunhas autorizadas, ele é efetuado nas organizações mais formais pelo acesso dos pesquisadores aos arquivos e pelo emprego de “historiadores da casa.” Compreende-se, nessa perspectiva, que mesmo que algumas pessoas não tenham participado ativamente de um período histórico, pode-se buscar fontes com pessoas próximas que fizeram parte do processo.

Assim, realizamos entrevistas com moradores e políticos da cidade em estudo, que tem suas memórias sobre o dito período de análise, os quais acompanharam direta ou indiretamente o dito período, objetivando sempre a veracidade dos fatos ocorridos nessa época e relatados pelos os entrevistados. As falas foram transcritas em forma de citação direta e acrescidas aos capítulos do texto, para uma melhor fundamentação da monografia.

Este trabalho é de grande importância para a construção da história local desses sussuaparenses, que até os dias atuais encontra-se despercebida pela maioria não só dos jovens, mas também de moradores mais idosos residentes de Sussuapara, estrutura-se da seguinte maneira: **Capítulo 1** Faremos uma abordagem do povoamento do município, até então,

pertencente a Picos, além de uma análise básica acerca de questões econômicas que envolveram esse período. **Capítulo 2** Abordaremos as motivações que promoveram a emancipação política. **Capítulo 3** Versaremos sobre o panorama sociocultural da cidade, perpassando por elementos que consideram conteúdos sobre educação, cultura, trabalho, religião, entre outros. Por fim, as Considerações Finais, fazendo uma breve retomada dos aspectos desenvolvidos na construção da monografia e apontando os resultados ligados aos objetivos específicos.

1 PRIMEIRAS POVOAÇÕES DO PIAUÍ

1.1 UM BREVE DEBATE HISTORIOGRÁFICO

De acordo com a historiografia brasileira, o processo de colonização do Piauí inicia-se em meados do século XVII pelos “chamados” desbravadores de terras, Domingos Afonso Mafrense e Domingos Jorge Velho, que chegaram pelos rios São Francisco e Parnaíba, adentrando o sertão do Piauiense e se firmando no interior do Piauí. Estes usavam de suas habilidades para atrair a ajuda de alguns grupos indígenas que ali já habitavam e que resistiam fortemente à ocupação que estava sendo feita pelos recém-chegados. Esses índios eram utilizados como uma espécie de guia, devido ao seu vasto conhecimento sobre essas terras.

Esses colonizadores se aproveitavam desse conhecimento natural que os índios tinham dessa terra piauiense e se inseriram cada vez mais nesse território lhe tirando posteriormente suas tradições indígenas e tentando adaptá-los à vida rural camponesa das fazendas de gado que ali se instalaram.

Essas fazendas tinham como principal atividade econômica a pecuária extensiva. Essa atividade, que foi desenvolvida nesse período, foi de suma importância para a certeza de progresso no processo de colonização e crescimento tanto econômico como populacional dessas terras piauienses. A partir da pecuária, que estava sendo incrementada no território piauiense, criaram-se as chamadas “freguesias” as quais Viera (2005, p. 33) discorre: “A freguesia era uma forma da vida em comunidade”.

Percebe-se, nessa perspectiva, que a partir do momento em que há uma “domesticação” dos povos considerados incivilizados e uma expansão na criação de gado, há um crescimento na aglomeração de pessoas, em que estas começam a se organizar dentro daquele espaço do qual habita relacionando-se com o outro de forma mais sociável, havendo uma sociabilidade por ambas as partes e se formando novos povoados. Vale destacar que entre as freguesias criadas nesse interior piauiense encontra-se a de Nossa Senhora dos Remédios que, no ano de 1851, desvinculou-se de Oeiras, resultando posteriormente na atual cidade de Picos (IBGE, 2017).

Essas freguesias iam se dividindo e formando povoados, resultando em migração por partes desses indivíduos que começaram a percorrer o interior piauiense em busca de terras férteis para o plantio e a criação de gado. A respeito dessas terras analisadas e escolhidas

por essas pessoas, Prado (1999, p. 124) nos ressalta que: “A escolha desses locais [sertão brasileiro] para a criação de gado deu-se por conta das características geográficas que facilitavam a penetração do homem nesses territórios”. Ou seja, os indivíduos ao adentrar o interior do Piauí e encontrar terras que possuíam condições favoráveis tanto para a agricultura como para a pecuária, mesmo que desenvolvendo mais a prática da pecuária extensiva, acabavam ocupando aquelas terras, criando suas pequenas fazendas de gado para sua subsistência, conseqüentemente formando famílias vindas a se constituir como vilas. Esse contexto fica bem explícito na seguinte citação:

No Piauí, a instalação de fazendas aparece como uma condição *sine qua non* para o surgimento de cidades. As primeiras vilas e cidades piauienses instaladas tiveram suas origens na fazenda de gado propriamente ou em alguma atividade que girava em torno dela. Ao longo do tempo, esses aglomerados iam crescendo e dando lugar a uma povoação. (ABREU; NUNES, 1995).

Então se percebe que, desde o começo da colonização no Piauí, foram as fazendas de gado que ditaram o ritmo das ocupações, a partir da primeira fazenda instalada, logo outras foram surgindo e seu número crescendo com certa rapidez e também possuindo tamanhos avantajados.

Sobre essa questão do tamanho das fazendas de gados criadas nessa região, não se é possível precisar o tamanho exato das fazendas que existiam no Piauí, espalhadas no decorrer dos vários cursos d'água, pois essas terras eram obtidas a partir de numerosas doações feitas pelo governador do Grão-Pará e também pelo capitão geral do Estado. Essas terras doadas passaram a serem organizadas e delimitadas em 1744 pelo Conselho Ultramarino, em que se era estabelecido que essas terras não ultrapassassem três léguas e que entre uma fazenda e outratinha que se ter um distanciamento de uma légua, o que segundo Mott (1885, p. 51) “levou ao distanciamento cada vez maior de uma fazenda para outra”.

Então essas fazendas, na sua maioria, ultrapassavam o território limite imposto por lei, e isso se devia à forma de ocupação e também pela atividade praticada que era a pecuária extensiva. Pois, o fato das terras terem poucos recursos nos meses de estiagem obrigava os criadores de gado a expandirem seus domínios em busca de escapatória para seus rebanhos, prática ainda vista nos dias atuais, nos quais muitos criadores deixam sua criação solta para o melhor aproveitamento dos recursos da terra.

Pela mudança que há no Piauí tão sensível nas estações do tempo, até faltar o mesmo pasto seco, e toda extensão do terreno muitas vezes não basta pra

que haja lugares onde se conserve e se mantenha os gados, que faz com que os moradores vivam pela maior parte, dispersos e distantes três, quatro e cinco léguas um dos outros (MOTT, 1985, p. 52).

Dentro desse contexto entra a agricultura de subsistência em que somente uma pequena parcela da população se destinava a desenvolvê-la. Há vários fatores que explica esse descaso com a atividade agrícola, dentre eles há duas causas consideradas principais que é apresentado na obra de Luís Mott (1985) feita por descrições de viajantes, na qual:

A primeira de ordem ecológica, ou seja, as más condições climáticas, a ausência de chuvas regulares, a constância das secas, a pobreza dos cursos d'água e a natureza arenosa e lageada da grande parte do território. [...] A segunda explicação para o descaso com que se tratavam a agricultura está na vantagem econômica e na excelência que os piauienses atribuíam a pecuária com grande parte do território coberto pelo rico capim minoso, apesar das limitações advindas da seca e da falta de aguadas, o certo é que a pecuária representava para esta zona sertaneja não só uma saída, mas um grande negócio. (MOTT, 1985, p. 55)

Então é notório nessas versões acima, o fato do solo do Piauí ser rico em graminhas e pastos que embora não muito chuvoso facilitava o desenvolvimento da pecuária que tinha um forte mercado nos seus vizinhos, como no Maranhão e a Bahia que apesar de poderem desenvolver seus próprios rebanhos preferiam destinar suas terras e mão-de-obra para a agricultura e comprar assim do Piauí as boiadas necessárias para sua subsistência, levando a crer que “os moradores do Piauí se interessavam só na criação de gados”. MOTT (1985, p. 54).

Contudo, o Piauí é considerado um grande seleiro das boiadas brasileiras tendo seu enorme e valor reconhecido por muito tempo, ilustrado em vários poemas e canções como a exemplo, a do compositor Belchior que na sua música “Meu pequeno mapa do tempo” relata a importância da pecuária do Piauí no trecho onde ele diz “Meu boi morreu, o que será de mim? manda buscar outro mainha no Piauí”.

1.2 OCUPAÇÃO DO POVOADO SUSSUAPARA

Dentro da historiografia que foi construída em volta do nascimento e crescimento da atual cidade de Sussuapara, que fica localizada ao Centro-Sul do Piauí, está o seu povoamento, que se inicia em meados do século XVIII através de colonizadores portugueses, que vieram com seus escravos, primeiramente de Portugal para a Bahia, em 1712, e que posteriormente

adentraram o Piauí, mais precisamente na década de 1740 criando suas fazendas de gado, questão essa já discutida no tópico anterior (IBGE, 2017).

No século XVIII a localidade de Sussuapara pertencia à fazenda Bocaina que ainda não era constituída como cidade e pertencia à jurisdição de Picos. Esses colonizadores portugueses que adentraram o interior piauiense eram conhecidos como Antônio Borges Leal Marinho, Albino Borges Leal e Francisco Borges Leal Marinho (CARVALHO, 2009).

Esses colonizadores ao adentrarem o interior do Piauí ficaram em regiões separadas, a fim de obter dentro desse processo de colonização uma ocupação mais rápida e satisfatória. O europeu Albino Borges Leal ocupou as terras de Piracuruca – PI, em que nos dias atuais encontra-se como Buriti dos Lopes – PI, enquanto Francisco Borges Leal Marinho adentrou nas terras Inhamuns, extremo do Piauí com Ceará, já o sertanista Antônio Borges Leal Marinho foi localizado nas terras da atual cidade de Bocaina – PI, onde adentrou e ocupou essa região a procura de terras férteis. Borges Marinho, como era conhecido, estabeleceu na atual cidade de Bocaina relações familiares ao se casar com Maria da Conceição Pereira de Sousa Brito (CARVALHO, 2009).

À medida em que Borges Marinho, na atual cidade de Bocaina, foi instalando suas fazendas de gado, casando e tendo filhos, essa região foi obtendo uma aglomeração de pessoas, passando de geração para geração.

A atual cidade de Sussuapara foi escolhida dentro desse processo de colonização de terras, devido ao Rio Guaribas que corta o atual município ao meio. A importância desse rio era inegável, considerando que favorecia a sua população um potencial de água e terras férteis, propiciando assim, a prática da agricultura e da pecuária (CASTELO BRANCO, 2012).

Juntamente com relatos de moradores da cidade, e dos poucos registros encontrados na Câmara Municipal de Sussuapara que foram analisados, foi possível concluir que o sertanista Manuel Borges Leal descendente da família Borges Marinho foi o primeiro morador do povoado Sussuapara, infelizmente não se pôde encontrar nenhuma fotografia que mostrasse seu aspecto físico. Borges Leal, como era chamado na região, ocupou esse povoado devido perceber que a mesma era uma região de grande potencial para o desenvolvimento das suas atividades agrícolas.

Dentro desse processo de ocupação do povoado Sussuapara encontra-se a origem do seu nome, na qual os moradores mais antigos daquela região contam que o sertanista Manuel Borges Leal ao chegar nessas terras, batizou-a sem nenhuma interferência ou rejeição, com o nome Sussuapara devido ao um animal que vivia nos lagos e pés de serra daquela região, chamada de Onça Suçuarana, originando dessa forma o nome Sussuapara.

No caso de Sussuapara – PI, a instalação de pequenas fazendas de gado, a construção de currais e veredas de bebedouros marcou o início desse povoamento, fazendo com que mais descendentes da família Borges Marinho viessem a querer se fixar nessas terras, como foi o caso de Adão Borges e Joaquim Borges da qual sou descendente, ocasionando um acúmulo de pessoas, em que os mesmos iam se adaptando e organizando-se dentro daquela sociedade que estava sendo construída e imposta a eles, iniciando assim o desenvolvimento das atividades agrícolas e da pecuária extensiva.

Ressaltando que as primeiras residências foram feitas próximos a local com fartura d'água, possibilitando uma melhoria na vida do ser humano que ali vinha a habitar, utiliza-la e a desenvolver a prática da agricultura e pecuária. Essas casas eram feitas sem nenhuma demarcação de terras, feitas como diz uma expressão popular muito usada por moradores dessa região “feitos ao leu”, ou seja, à vontade sem delimitação alguma. Como nos conta a depoente:

As residências antigamente era a maioria feita de taipo, chão batido, não tinha delimitação de 7 metros, 10 metros como nos dias atuais. O pessoal só marcava e fazia as casas. Os materiais para a construção das casas era telha comum, as ripas era vara, os caibo eram da chapada mesmo, não era caibo cerrado, e nem ripas cerradas, as portas era portas comum e geralmente pequena, pois o povo não tinha condições (SILVA, 2016, p. 34).

Então a partir da recordação da depoente, que na entrevista usou não só de suas lembranças vividas, mas também de informações repassadas por seus pais e avós que perpassaram por o período inicial dessa povoação, percebemos que desde o início as famílias que foram se formando naquela região, apesar de possuir um território vasto e com condições favoráveis para desenvolver a plantação e a criação de gado, eram pessoas que possuíam moradias simples, vivendo com dificuldades econômicas, mais que lutavam a cada dia para mudar essa realidade e trazer melhores condições de vida.

Essas famílias que se formaram nesse povoado, em sua grande maioria, eram famílias enormes comparadas com as de hoje, tendo geralmente entre 10 a 15 filhos em cada família, resultando assim, certa dificuldade para sustentar a todos, pois o trabalho exercido para a subsistência desse povo era considerado por parte dos moradores simples, mais ao mesmo tempo árdua e cansativa. Mesmo todos trabalhando, ou seja, homens e mulheres em prol da subsistência alimentícia para seus filhos, a renda ainda eram muita pequena para oferecer pelo menos o básico à família. Muitas dessas mulheres trabalhavam em casas de família, outras já ajudava o marido a trabalhar na roça e tinha que se desdobrar também para cuidar

da casa e dos filhos, tudo feito em benefício de obter um sustento maior para suas famílias.

Sussuapara tinha inicialmente invernos proveitosos tanto para atividade agrícola, como para prática da pecuária extensiva, esses invernos começavam logo no mês de outubro, ocasionando grandes lucros com a criação de gado e farturas no processo de colheita dos gêneros alimentícios, fazendo que a colheita dos produtos produzidos nessa terra, perdurasse ano inteiro, ocasionando um crescimento econômico para os moradores que possuíam suas pequenas e próprias fazendas e que utilizavam do trabalho braçal de moradores daquela região, que não tinham condições financeiras para o processo de plantação, colheitas e a criação de gado.

Os produtos produzidos e extraídos dessa região desde o início do seu povoamento e que foram se desenvolvendo rapidamente ao longo dos séculos, era de todos os tipos de gêneros agrícolas, sendo a cana de açúcar, o alho, o mel, a rapadura, o alfenim, feito da garapa da cana de açúcar e que resultava em uma massa de cor branca e muito consistente, o milho, arroz, feijão, abóbora, melancia, tomate, batata, pimentão, cebola, manga, banana, limão, tamarindo, mamão, seriguela, umbu, acerola, ata, conhecida também como pinha, a oiticica, o pinhão e a mamona (SILVA, 2016).

O processo de colheita desses produtos mencionados durava o ano inteiro, possibilitando um avanço maior para o sustento daquela população. Os indivíduos levantavam muito cedo, para o processo de plantação e colheita destes produtos. Como nos destaca no trecho abaixo a depoente Maria Basília Silva:

A vida era simples, mas muito cansativa, a gente acordava às 4 horas da manhã pra pegar algodão nas roças dos proprietários que tinham condição de pagar pelo nosso trabalho, aí lá era por arroba. O algodão era dos donos das roças, eles chamavam a gente pra ir pegar o algodão e eles pagavam ao quilo e de lá eles exportavam para as indústrias a preços bem mais altos comparados com o nosso. (SILVA, 2016).

Ao analisar a fala da entrevistada, observa-se que o trabalho exercido era bem árduo e desmotivador, pois além de levantar cedo para fazer todo o processo de coleta de algodão, passar o dia inteiro no sol, de pé, ao fim do dia o que recebia era extremamente irrelevante, pois mal dava para comprar produtos de subsistência para a família, enquanto as indústrias a exemplo a indústria Coelho a mais conhecida na região que se utilizavam do algodão para fazer linha, lã e roupa para quais exportavam e pagavam preços bem elevados causando nos trabalhadores uma grande revolta.

Ainda sobre o processo de trabalho e subsistência da população sussuaparense

encontra-se o gado, sendo nítido perceber que a pecuária era uma atividade bem rica nesse início de povoamento do nordeste brasileiro, na qual foi se expandindo rapidamente por todo o interior do Piauí, isso se deve como nos explica Mary Del Priori em seu livro *“O livro de ouro da história do Brasil”*, pelo fato de que “Com a instalação do governo geral da colônia, teve início a expansão da pecuária no Nordeste brasileiro, principalmente as regiões que compreendem do médio São Francisco até o Rio Parnaíba” (DEL PRIORI, 2008, p. 76).

Então, fica claro de acordo com a explicação de Del Priori (2008), que as atividades praticadas para a subsistência nos diversos setores econômicos e comerciais no período de colonização do Brasil, foi se firmando e beneficiando melhor as regiões cuja tivessem proximidades com os rios, expandindo para interior do Piauí.

No antigo povoado Sussuapara, a atividade da pecuária iniciou de forma expansiva e satisfatória no setor econômico e comercial, perdurando por décadas nesse mesmo ritmo. O gado era utilizado não só para fornecer o sustento em forma de alimento para os moradores, mas também servia como meio de transporte, para carregar os produtos extraídos dessa região, juntamente a ele estava o cavalo e jumento/burro que também eram usados como transportes para transportar água e alimentos para parte da população.

Com o passar do tempo, o gado foi extinguido da região sussuaparense, devido às duras secas que tomou conta daquelas terras como nos conta a entrevistada Maria Silva:

“As secas chegaram e a vida ficou cada vez mais difícil, não havendo quase como plantar e nem comercializar o gado, pois precisávamos de chuvas para que adquiríssemos alimentos, criar pastagens e bebedouros para o gado” (SILVA, 2016).

Essas circunstâncias, levaram os habitantes a intensificarem outros meios de trabalho praticando outras atividades, como intensificação da planta e venda de algodão, colheita e venda de pó de carnaúba para a fabricação de cera, vela branca e afins, macaxeira, mandioca. alho no rio e cana-de-açúcar. Estes produtos não precisavam de chuvas constantes para serem produzidos, o que ajudava a manter o comércio durante mais tempo (SILVA, 2016).

Foram inseridas também ocupações comerciais e artesanais, como fabricação de cerâmica, na qual muitos homens eram contratados para ajudar, além de tijolos, telhas, surrão da palha de carnaúba, que era uma espécie de jacá, bambueiro, arupemba (um tipo de peneira), abanador com palha de carnaúba, entre outras peças artesanais (SILVA, 2016).

Foi dessa maneira que a cidade tomou forma e deu encaminhamento as laborações cotidianas que perduraram por muito tempo e ajudaram as famílias a manterem o sustento das casas.

2 OS MOTIVOS QUE DESENCADARAM O DESEJO DE EMANCIPAR SUSSUAPARA

Chegada a década de 1990, uma pequena parte da população sussuaparense começou a refletir sobre o desenvolvimento que acontecia gradativamente ao longo dos anos e os problemas que afetavam o cotidiano desse povo, chegando à conclusão de que a população merecia não mais se conformar com a condição que lhe era imposta, ou seja, de povoado, e sim se elevar a um patamar mais alto, que lhe propusesse um desenvolvimento maior e mais rápido nos mais diversos setores daquela região, alimentando, dessa forma, a ideia de se tornar de fato uma cidade.

Os problemas sociais que afetavam a população, no entanto, eram inúmeros, incluindo a dificuldade de atendimento no hospital, uma vez que o mesmo pertencia à cidade de Picos, a falta de ambulâncias que proporcionar-se uma trajetória adequada para o doente até chegar no hospital, a falta de energia elétrica, a falta de água, fator essencial na vida de qualquer ser humano, a questão da educação pública que não alcançava os seus objetivos devido à falta de recursos e comprometimento por parte dos seus administradores (SILVA, 2016).

Assim, segundo as informações dos depoentes moradores de Sussuapara, que fizeram parte da pesquisa, observa-se que defronte dos argumentos já expressados por outros povoados que se encontravam na década de 1990 no patamar de cidade, percebe-se que estavam bem próximos aos argumentos utilizados no povoado Sussuapara, sendo que a mesma já não queria se subordinar aos poucos recursos destinados àquela população.

A partir dessa possibilidade de se tornar uma cidade autônoma, foi se aglomerando um grupo de pessoas, que faziam parte da política, bem como moradores que buscavam poder elevar a sua cultura, nos mais diversos âmbitos, como religioso, trabalhista, educacional para a construção e concretização de uma nova cidade, não mais dependente de Picos.

O desejo desses indivíduos em querer aquele povoado simples emancipado é muito semelhante ao pensamento exposto por Ítalo Calvino (1990, p.18), na qual profere que “As cidades assim como os sonhos são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam outra coisa”. Dessa forma, construiu-se e se consolidou o município de Sussuapara.

2.1 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PARA DESMEMBRAR O POVOADO SUSSUAPARA DE PICOS

Diante daquela possível realidade sonhada por esses indivíduos, de tornar Sussuapara uma cidade emancipada, vieram os obstáculos, os quais buscamos através de documentos da câmara Municipal de Sussuapara, como atas do período em estudo, e conversas com algumas pessoas que vivenciaram a época, ou carregam consigo informações importantes trazidas por seus antepassados.

O primeiro problema encontrado nesse processo emancipatório foi à questão dos critérios disciplinados pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, para a criação de novas cidades, a mesma é considerada a maior Lei de um país e exigia que cada estado se adequasse à sua realidade, ou seja, os critérios eram diferentes de um estado para outro. No Piauí era obrigatório ter o templo religioso, o cemitério, o mercado, ter 100 casas que no aglomerado não se distanciassem mais do que 50 metros umas das outras e que a população fosse acima de 2.000 habitantes (ABREU, 1995).

Nesse contexto entra o senhor Francisco das Chagas Moura, que também fez parte da entrevista, conhecido popularmente como Chaguinha, que, inclusive, atualmente, é vice-prefeito da cidade. Ele era defensor a emancipação, visando melhores condições de vida para aquela população tão sofrida, mas também para que houvesse importância na questão cultural que a Sussuapara tinha a oferecer pelo mundo.

De acordo com a memória dos depoentes, pudemos perceber que houve, por parte da comissão de grupos buscentes da emancipação, uma união, para conseguir desencadear o interesse da população pelo desmembramento do povoado Sussuapara com a cidade de Picos e a criação de uma nova cidade em que estes tivessem mais autonomia e visibilidade nos diversos setores daquela região. Essa proposta foi bem acolhida por todos que ali habitavam, dando condições para os indivíduos que estavam à frente desse movimento seguir a diante.

Passada esse primeiro obstáculo, surgiu então outro problema, considerado pela comitiva em prol da emancipação o mais grave que foi a criação do Memorial Descritivo, ou seja, elaborar uma proposta que definisse o centro urbano de Sussuapara e os limites do provável novo município Sussuapara.

Na criação do Memorial descritivo, elaborado por Domerval Luís, houve desavenças por parte da população que passou a viver em clima de disputa, foram escolhidos dois locais para serem a sede do provável município, o povoado Melancias, como era chamado, e atualmente, encontra-se o centro urbano de Sussuapara e o povoado Novo Paquetá. Essa escolha se deu devido a uma questão puramente pessoal, na qual os habitantes do povoado Melancias não queriam ficar para “trás” do povoado Novo Paquetá. Melancias, embora tivesse uma população numérica igual à do Novo Paquetá, desprovia de outros benefícios, os quais Novo

Paquetá usufruía, mas não foram levados em consideração, a exemplo, a questão geográfica, pois Novo Paquetá fica em um entroncamento que liga duas cidades e que nos dias atuais pode se ver diariamente a sua grande movimentação. O senhor Francisco das Chagas Moura narra em entrevista que:

Nessa época tinha a máquina de pilar arroz na cooperativa localizada no povoado Melancias, mas era ingenuidade daqueles indivíduos do povoado Melancias achar que pessoal que vem, por exemplo, do povoado Cercado, Aboboras, Vazear do Engano, da cidade de São José, vai pra cooperativa pilar arroz? Não vai, agora se tivesse aqui no Novo Paquetá que era a linha deles, fazia aqui, e o pessoal de Melancias Tamboril, Bocaina, seja de qual localidade for e que também tem seus produtos, eles têm que passar no Novo Paquetá então não é nenhum problema. (MOURA,2016).

Pelo trecho narrado acima por (Moura, 2016), podemos observar que Novo Paquetá continha os requisitos necessários e uma probabilidade de se desenvolver mais rápido do que Melancias, ao modo que todas as pessoas das localidades ali existentes que viessem a comercializar seus produtos, teriam de passar em Novo Paquetá, devido a ser um entroncamento que liga as cidades Bocaina e Picos, havendo um melhor aproveitamento nos setores comercial, econômico e social.

Passado esse primeiro momento de confusão, a população continuava a exigir uma solução viável aos dois povoados. A comissão decidiu fazer uma reunião no clube do Verissimo localizado na localidade Tamboril, este era bem movimentado por pessoas dos mais diversos povoados e cidades. A reunião aconteceu no período noturno, acumulando, desse modo, uma quantidade grande de pessoas. O senhor Francisco das Chagas Moura relata em depoimento que:

Na reunião feita no clube do Verissimo teve um enorme aglomerado de pessoas, que não chegavam a um acordo que beneficiasse as duas localidades, foi então que me pronunciei fazendo uma proposta para a população, na qual consistia em fazer a sede no meio da distancia do Novo Paquetá e Melancias. De modo fácil e prático, pegando a igreja de São Pedro em Novo Paquetá e a igreja de São Sebastião localizada em Melancias, pega o ponto das duas igrejas, vê o que dar e dividi no meio, plantando a sede. A partir dessa proposta foi selado o acordo entre ambas as localidades e lavrado em Ata. (Moura, 2016).

Ao analisar o relato de (Moura, 2016) e de algumas entrevistas concedidas de forma direta e indireta por moradores de Sussuapara, que mesmo sem participar assiduamente do movimento, eram de acordo com a emancipação, percebe-se claramente que essa disputa pelo Centro Urbano daquele município ao qual vinha a se formar, era feita pela maioria dos

habitantes da localidade Melancias, meramente por orgulho, pois os moradores não queria ficar – erroneamente – vistos como “submissos” aos moradores de Novo Paquetá, sem pensar no progresso que Sussuapara teria caso sua fosse implantada no Novo Paquetá, sendo que era notório que, geograficamente, o bairro obtinha todas as condições necessárias para um progresso rápido e vantajoso para todas as localidades.

Infelizmente a proposta feita por (Moura, 2016) mesmo lavrado em Ata, não foi cumprida, havendo uma indignação por parte do depoente, resultando na instalação do Centro Urbano na localidade de Melancias, que continua até hoje como sendo Centro da cidade.

3 PANORAMA SOCIOCULTURAL

3.1 FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA CIDADE

A produção do espaço urbano é dinâmica e complexa, agregando vários elementos. Ela é fruto de uma interação social, econômica e cultural. Por vezes, essas aparecem separadas, marcando especificidades de um povo, em outras, articuladas com os mais diversos costumes.

As cidades crescem envolvidas de acordo com a sua cultura e de seus habitantes. Embora seja uma afirmação óbvia, é sempre importante lembrar a forma extremamente clara que as cidades adquirem no decorrer de suas histórias, as diferentes bases em que elas estão fundadas, seus costumes, porque é com elas que se erguem os conceitos que estão impregnados em seus movimentos.

A diversidade cultural refere-se aos diferentes costumes de uma sociedade, entre os quais podemos citar: vestimenta, culinária, manifestações religiosas, tradições, entre outros aspectos. O Brasil, por conter um extenso território, apresenta diferenças climáticas, econômicas, sociais e culturais entre as suas regiões.

Sendo estudada em diversas áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras, definir o que é cultura não é uma tarefa simples. Em cada uma dessas áreas, a cultura é trabalhada a partir de distintos enfoques e usos. Tal realidade concerne ao próprio caráter transversal da cultura, que perpassa diferentes campos da vida cotidiana (CUCHE, 2002, p. 203).

No pensamento iluminista francês, a cultura caracteriza o estado do espírito cultivado pela instrução. “A cultura, para eles, é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história” (CUCHE, 2002, p. 21).

Tudo isto está altamente ligado a uma complexidade de atividades com sentido amplo que pode indicar tanto a produção artística quanto a um modo de vida que é adquirido e repassado de geração para geração por meio de um conjunto de saberes.

Esse conjunto de conhecimentos, ideias, costumes e práticas que se tornam características de um grupo é repassado ao longo dos tempos por intermédio de ancestrais, formando hoje o que chamamos de características culturais de uma região ou sociedade.

Todos esses elementos que compõem uma cultura são compartilhados pelos membros da família, por membros da sociedade e por ancestrais da mesma árvore genealógica, criando-se assim, uma identidade cultural. Por essa premissa podemos destacar o significado da palavra cultura que vem do latim *colere*, que significa cuidar, cultivar, crescer.

Religião, vestes, música local, língua, comidas típicas, são um conjunto de comportamento e tradições de um determinado povo em uma determinada região, em sentido amplo é a parte de tudo que eles são, desde sua convivência até sua comunicação em sociedade. Ao tratar do conceito de cultura, a sociologia se ocupa em entender os aspectos aprendidos que o ser humano, em contato social, adquire ao longo de sua convivência.

Campomori (2008, p. 75) esclarece que o vocábulo cultura é polissêmico e está em constante amplificação:

No Século XX a cultura passa a ser tratada como um sistema ou sistemas de significação, mediante os quais, uma dada ordem social é comunicada, vivida, reproduzida, transformada e estudada. Cultura torna-se então um vocábulo polissêmico e, mais que isso, em transformação, em um contínuo processo de ampliação e desdobramento de significados. Configura-se como palavra que a priori remete à nossa relação com o mundo, à civilização, ao conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc.

Apesar das diferentes formas de se entender o que é a cultura, segundo Bauman (2012), existe uma que é convergente: a que defende a cultura estando vinculada à práxis humana. O autor visa a cultura como potencializadora de uma quebra de barreira entre o nós e o outro, ao invés de uma coleção de determinações, valorações e especificidades de grupos humanos, o que só incita o separatismo e a xenofobia, querelas do mundo contemporâneo. Para ele, a cultura pode destruir pré-conceitos e limitações da ordem vigente, revelando a criatividade humana e libertando uma gama riquíssima de novas possibilidades, uma multiplicidade de realidades no despertar de desejos e vontades antes proibidos. A cultura seria, então, inimigo primeiro da alienação, questionando constantemente os sentidos do real.

Em uma sociedade, os valores culturais dominantes são “veiculados” pelas instituições, como as leis, a família, a religião ou a educação, que lhes dão o modo de expressão formal, tangível e mais facilmente acessível. Assim, a aprendizagem da responsabilidade dá-se primordialmente pela escola e pela família (KARSAKLIAN, 2008).

Os principais disseminadores da cultura brasileira são os colonizadores europeus, a população indígena e os escravos africanos. Posteriormente, os imigrantes italianos, japoneses, alemães, poloneses, árabes, entre outros, contribuíram para a pluralidade cultural do Brasil.

Na região Nordeste, assim como em todas as regiões do país, as cidades foram sendo criadas por meio da ligação de alguns aspectos culturais que são de extrema originalidade de cada região, tais como, danças e festas como o bumba meu boi, maracatu, caboclinhos,

carnaval, ciranda, coco, terno de zabumba, marujada, reisado, frevo, cavallhada e capoeira. Algumas manifestações religiosas são a festa de Iemanjá e a lavagem das escadarias do Bonfim. A literatura de Cordel é outro elemento forte da cultura nordestina. O artesanato é representado pelos trabalhos de rendas. Os pratos típicos são: carne de sol, peixes, frutos do mar, buchada de bode, sarapatel, acarajé, vatapá, cururu, feijão-verde, canjica, arroz-doce, bolo de fubá cozido, bolo de massa de mandioca, broa de milho verde, pamonha, cocada, tapioca, pé de moleque, entre tantos outros.

Muitos dos hábitos, costumes, alimentação e crenças da sociedade brasileira são herança direta dos povos indígenas, como, por exemplo: o hábito de andar descalço, o costume de dormir em rede, o hábito da pesca e caça, alimentação à base de mandioca, farinha, polvilho, beiju, além das crenças na eficácia das plantas etc.

Entretanto, podemos observar que nesses elementos que envolvem a sociedade e a cultura, existem outros importantes fatores que interferem no cotidiano dos cidadãos. Trata-se da educação formal, um componente essencial a ser verificado, principalmente porque produz uma dinâmica fundamental para o exercício da cidadania, pois é responsável por incluir e disseminar conhecimento e reflexões sobre a sociedade.

3.2 EDUCAÇÃO E EDUCADORAS NA SUSSUAPARA

Com os depoimentos relatados por moradores da atual cidade de Sussuapara, e que carregam consigo memórias repassadas por seus pais, diagnosticamos que a educação se deu de início muito lento e celetista, ao modo que somente os filhos de proprietários que tinham mais recursos conseguiam estudar. O estudo inicialmente foi feito através de professores particulares, os quais se destacam como primeiros professores: Luís Belizário, Joaquim Sudário, Anísio Araújo, Areolino, Joaquim Pereira Leal e Evaristo Moura Fé.

Posteriormente, os pais mais abastados começaram a enviar seus filhos para as “escolas isoladas” da cidade de Picos, como eram chamadas antigamente, a fim de aprimorar mais o conhecimento de seus filhos (SILVA, 2016).

A primeira escola construída no povoado Sussuapara foi a escola São Sebastião, no ano de 1960, sob a administração de Justino Luz prefeito de Picos da época. Nesse período assumirão como professoras Maria Vilani e Maria Moura Barros de Sousa (*in memoriam*) (IBGE, 2018).

Figura 2 – Unidade Escolar São Sebastião



MOURA, Maria Ana de, LEAL Maria Rosário, LEAL, Maria Rosenir.
Sussuapara-PI, Sussuapara – PI, 2002, p. 08.

De acordo com as informações repassadas por familiares da senhora Maria Moura Barros de Sousa, nascida em 07 de setembro de 1926, em Sussuapara, ela começou a exercer sua profissão desde o ano de 1946, como professora particular na região sussuaparense, participando, posteriormente, do concurso público de Picos, em 1951, tendo sua nomeação somente em 1963, na gestão de João de Deus Filho, quando finalmente passa a ensinar na escola São Sebastião em Sussuapara.

Imagem 08: Professora Maria Moura Barros de Sousa



Fonte: MOURA, Maria Ana de, LEAL Maria Rosário, LEAL, Maria Rosenir. **Sussuapara-PI**, Sussuapara – PI, 2002, p. 08.

Maria Moura era sempre muito alegre e prestativa à comunidade, sempre tinha algo a ensinar ao próximo, e sempre demonstrava seu amor pela profissão exercida. Com o tempo passou a ter problemas de saúde, os quais resultaram no seu falecimento em outubro de 2015.

Junto a Maria Moura estava Maria Vilani Leal, nascida em 10 de dezembro de 1933, que iniciando como professora particular no ano de 1954 permaneceu até 1960, sendo a partir do ano de 1961 contratada pela prefeitura municipal de Picos a ensinar na escola São Sebastião, em Sussuapara. Nesse período, ela residia em Sussuapara, já nos dias atuais, encontra-se morando na cidade de Picos.

É importante ressaltar que a profissão dessas professoras na escola São Sebastião era

exercida em anos alternados, dependo do prefeito que se elegeisse e assumisse a cada quatro anos o mandato da cidade de Picos.

Ao analisar o contexto acima é nítido perceber que o jogo político começou desde muito cedo, e que as pessoas ficavam subordinadas a esses jogos, os quais favoreciam somente a classe alta da sociedade e pessoas ligadas aos respectivos prefeitos, que mesmo desprovidos de conhecimentos adequados, que propusessem um ensino eficaz e satisfatório para a classe humilde daquela região, exerciam a profissão.

Outra escola que merece destaque dentro do antigo povoado Sussuapara, é a escola Eliseu Nunes, tendo seu edifício construído em 1972, na gestão de Barros Araújo, prefeito de Picos no período. A instituição fica localizada até os dias atuais no povoado de Santa Luzia, tendo como primeiras professoras as senhoras: Albertina, Euzuíte e Perpetua filha do senhor Evaristo um dos primeiros professores de Sussuapara (MOURA, 2002).

3.3 A EDUCAÇÃO SUSSUAPARENSE ENTRE 1990 A 2000

Primeiramente, é necessário lembrar que a educação é um direito do ser humano, que no Brasil é garantido pela Constituição Federal, e está mais especificamente no artigo 205. Ela permite o desenvolvimento dos indivíduos a partir do ensino e da aprendizagem, com a finalidade potencializar a sua capacidade intelectual, se baseando em ações associadas ao ambiente escolar, familiar e social.

O ser humano é dotado de características singulares, que o transforma em único, particular em função de sentimentos, raciocínio, emoções, habilidades e concepções que formam seu caráter e repercute em seu comportamento. Na formação desta singularidade existem atividades, ações que sedimentam uma personalidade, dentre estas atividades está a educação, ferramenta inerente ao próprio ser humano e que o acompanha desde o seu nascimento. Para Freire (1999, p. 43), “Não há educação fora das sociedades humanas, e não há homem no vazio”, por isso mesmo podemos afirmar que sua ocorrência se dá em várias esferas do convívio humano.

Dessa forma, observamos que a educação é participativa na formação de um grupo social, ligada diretamente à sua cultura para a formação do convívio entre os indivíduos. Na cidade de Sussuapara não foi diferente, em vista de relatos autorais por pessoas que viveram em toda a década de emancipação política do município, podemos constatar com toda certeza

que a educação sempre esteve presente desde muito cedo na construção e na formação humana, ética, social da população sussuaparense.

A primeira escola construída na cidade de Sussuapara, foi a escola São Sebastião, localizada hoje no Centro, em 1960, quando a mesma cidade ainda era bairro do município de Picos. Nesse período o quadro de professores era extremamente reduzido, no qual muitos já se encontram in memoriam.

Por relatos ouvidos para a formação desse estudo, é claro saber que entre 1990 a 2000 já existia na cidade de Sussuapara a escola São Sebastião, a escola Matias Francisco de Brito, a escola Eliseu Nunes, a escola Joaquim Avelino, entre outras no bairro de Abóboras e Cercado, onde a educação era centralizada somente nessas instituições.

Segundo Silva (2016), quase todos os docentes desse período eram formados em magistério superior pela Escola Normal Oficial de Picos, e alguns tinham apenas no máximo a oitava série do ensino fundamental nos anos iniciais da década de 1990, mostrando a falta de preparo magisterial do ensino na época, que ficava a par de pessoas mais velhas consideradas experientes para o cargo em questão.

É importante ressaltar que todas essas escolas citadas acima, oferecem até os dias atuais somente os anos iniciais do ensino fundamental. Toda essa questão foi solucionada ainda em 1995 quando a cidade foi então emancipada, onde a mesma ofereceu para os docentes em função, curso de formação pedagógica.

Nessa mesma década de 90 já existia também na cidade de Sussuapara o Ginásio Municipal de Sussuapara que era até então, a única escola do município a oferecer naquele tempo os anos finais do ensino fundamental, ou seja, todos os alunos de todos os bairros do então município ao entrar nos anos do ensino fundamental II deveriam se deslocar até a presente escola para a conclusão do mesmo por ser a única a oferecer de forma pública essa modalidade de ensino na cidade.

O Ginásio como era chamado, por muito tempo foi considerado referência no ensino, com um alto quadro de professores, ótima infraestrutura, biblioteca, e laboratórios com tecnologia alta para a década.

Mesmo com toda essa evolução educacional na cidade na década de 90 em direção aos anos 2000, a educação não era vista na cidade como prioridade por grande parte da população que ali já faziam moradia, usando seus filhos basicamente por tempo integral para as atividades agrícolas ao qual aconteciam basicamente às margens do rio Guaribas, importante rio que corta a cidade e que sempre foi presente e importante nas atividades agropecuárias e agrícolas da região (ABREU, 1995).

Ao fim dessa jornada no então Ginásio Municipal, todos os alunos deslocavam-se para o bairro Paquetá, para então concluir o ensino Médio, por ser também a única escola do município até os dias atuais a oferecer essa modalidade de ensino de forma pública na cidade. A Unidade Escolar Helvídio Nunes de Barros, chegou à comunidade de Novo Paquetá através de uma solicitação do então vereador Pedro Leal de Oliveira, que requereu ao governador da época, Helvídio Nunes de Barros, a construção de uma escola, e então o vereador teve seu pedido atendido.

A escola foi inaugurada, e em 1997, através de uma assembleia geral com todos os funcionários da escola, pais, alunos e a comunidade em geral, foi criado o Conselho Escolar da referida unidade. Ao longo do tempo a instituição comportava alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Nos anos 2000 foi implantado o Ensino Médio no local; no ano de 2006 foi iniciada a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A unidade passou por inúmeras reformas estruturais e dos anos 90 até hoje funciona com três turnos com as modalidades de educação básica (Fundamental II e Ensino Regular), modalidade EJA médio. E finalmente, a primeira turma de curso superior semipresencial em Administração pela Universidade Aberta do Brasil, a UAPI nos dias de hoje. Importante ressaltar que essa é a única escola do poder estadual na cidade.

A formação pedagógica dos professores nos anos 90 a 2000 era totalmente fechada no curso de magistério superior, onde quase todos os professores, como já foi citado anteriormente, eram formados pela ENOP, diferente dos dias atuais, onde encontramos um quadro de professores altamente diversificado, com formação em licenciatura nas mais diversas áreas do ensino, pelas mais variadas instituições de ensino superior do município de Picos e de outras regiões, sendo a principal, a Universidade Federal do Piauí (SILVA, 2016).

Ao contrário do que muita gente pense, a educação não serve apenas para transmitir saberes intelectuais, mas também para formar grupos sociais no surgimento de uma cidade, pois nas sociedades as transformações sociais de uma nova região, sejam elas, econômicas, tecnológicas e culturais acontecem em uma velocidade cada vez maior.

Vale ressaltar que a escola é o primeiro ambiente de socialização que a criança tem acesso depois de sua família, ajudando a construir a sua personalidade. Ao ingressar na comunidade escolar, o aluno inicia a construção das suas próprias ideias e personalidades, ou seja, da sua individualidade.

3.4 RELIGIOSIDADES

Muitas vezes, a sociedade do dia de hoje possui valores avessos aos ideais da modernidade. Antigamente, os filhos seguiam por meio de tradições ou contextos culturais os passos dos pais. Se o pai era carpinteiro, o filho também, se a mãe era costureira, também a filha. Os avós, muito provavelmente também teriam sido carpinteiro e costureira. toda essa herança de dinâmica social, calcada na tradição familiar funcionava como sólidos valores do patriarcalismo e do capitalismo.

As escolhas religiosas, neste contexto, também eram orientadas pela tradição - nascia-se em um clã católico, pessoa católica; nascia-se em um clã budista, pessoa budista. O advento da modernidade, contudo, individualizou pessoas, fazendo emergir identidades e afundando a noção de comunidade. Neste novo contexto, onde cada indivíduo escolhe para si um modo de viver independente, individual, particular - escolhe-se o que estudar, com o que trabalhar, o que preferir comer, onde e com quem morar, a qual religião pertencer.

Nesse ínterim, podemos perceber que a religião mesmo passando por um novo advento da modernidade interpreta o processo de cultura. Ela nos diz algo sobre o significado de comunidade. Ela expressa algo que é importante na formação do processo cultural, pois mesmo sendo influenciada pela cultura, ela permite também um conhecimento maior principalmente dos valores éticos. Tanto religião como cultura são constituídos por elementos herdados do passado por influências externas adotadas, que formam suas estruturas de desenvolvimento de valores.

Weber (1980) fala da religião desfazendo laços de família, laços de sangue que a muitos olhos podem ser considerados sagrados, não como religião dinâmogênica do indivíduo, como, outrora, sugeriu Durkheim (1989).

Como explicou Pierucci (2006), hoje as religiões dissolvem pertenças e linhagens religiosas constituídas. Isso representa uma mudança significativa sobre dois aspectos: 1) na construção da identidade do indivíduo - que, agora, demanda uma escolha religiosa - e 2) na questão da lealdade. Muitos cientistas políticos, inclusive, acreditavam que no contexto contemporâneo a religião não ocuparia lugar importante e, sim, que os indivíduos seriam leais ao capitalismo financeiro ou às multinacionais, leis do mercado. Esquecem-se, todavia, que a religião também oferece respostas às leis do mercado, assim como modificam os seus discursos teológicos a fim de atender às muitas demandas dos leigos, indivíduos inseridos em uma sociedade de capitalismo global, informatizada, conectada.

Sobre as religiões existentes em Sussuapara, a primeira a iniciar foi a religião católica, predominante até os dias atuais, chegando posteriormente a evangélica, a qual, atualmente, tem-se uma quantidade razoável de adoradores. Os católicos desse antigo povoado, no início das

construções das igrejas, dependiam inteiramente da assistência da paróquia de Picos, o que dificultava na elaboração e execução de eventos religiosos que viesse a ter nas igrejas de Sussuapara, pois a paróquia de Picos continha inúmeras igrejas de várias outras comunidades vinculadas às suas e que por excesso de trabalhos acabava por não oferecer uma assistência satisfatória que preenchesse todas as lacunas existentes nessas igrejas. Nos dias atuais a igreja São Sebastião, Padroeiro da cidade encontra-se vinculada à paróquia Da cidade Bocaina, o que favoreceu mais os sussuaparenses, devido a esta ser menor e conter menos igrejas ligadas à sua.

O município é possuidor de sete Templos católicos nos dias atuais, A igreja São Sebastião padroeira da cidade, a Capela São Pedro localizada em Novo Paquetá, a de Nossa Senhora de Fátima em Carnaubal, a de Nossa Senhora Aparecida no povoado Salinas, a de São Bento em Baixa dos Mouras, a do Sagrado Coração de Jesus em Tamboril e, por fim, a mais antiga da cidade a Capela de Santa Luzia.

É importante evidenciar que A capela de Santa Luzia foi construída em 1952, de acordo com as informações extraídas e analisadas do “Livro de Tombo” da comunidade de Santa Luzia, infelizmente no livro não se dispõe de nenhuma fotografia que mostre o seu processo de construção, a mesma obteve para sua construção a ajuda não só braçal, mas também financeira de toda a comunidade, ao qual ajudava da forma que podia, fazendo leilões e pedindo doações de materiais para pessoas com mais recursos. A construção desse templo teve como líderes os senhores Antônio José da Silva Araújo e Vulgo Antônio Evêncio, residentes na comunidade e que tinha como único interesse aproximar as pessoas daquela localidade ao templo religioso.

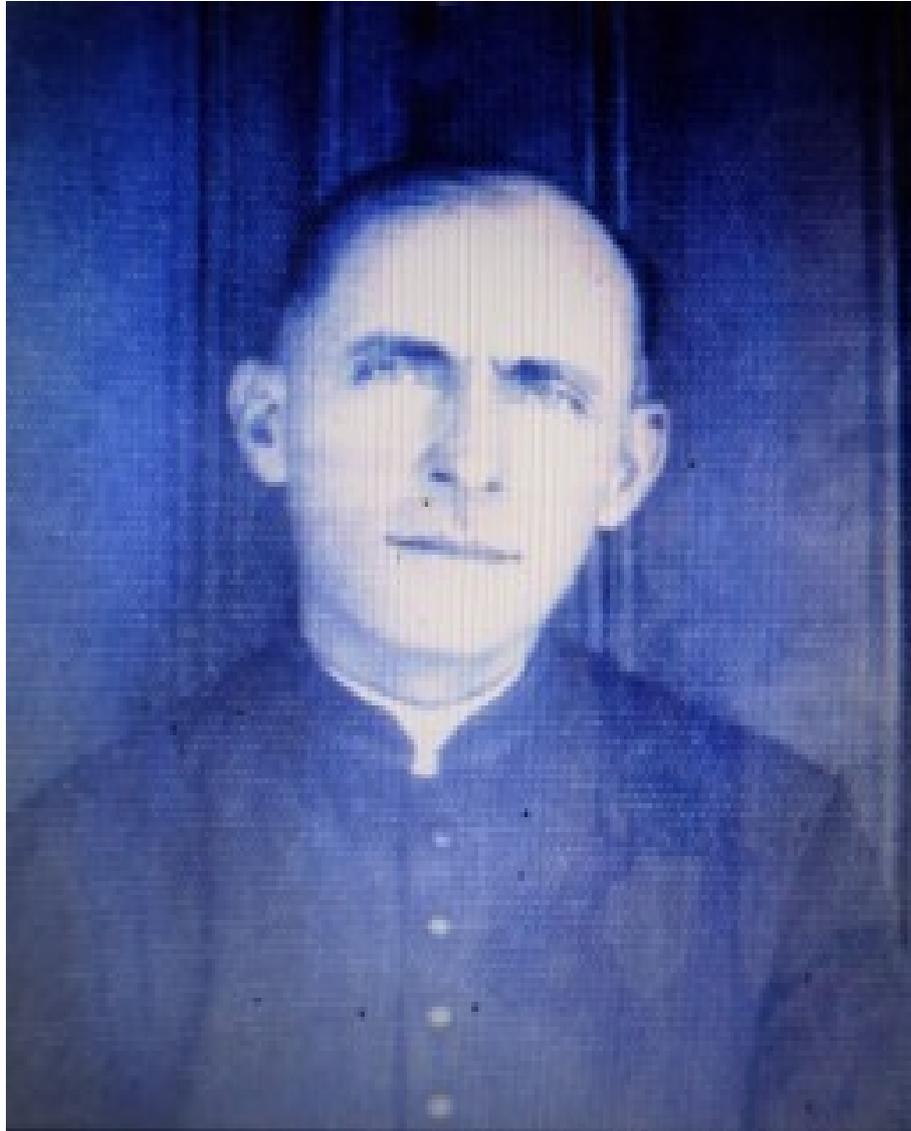
Santa Luzia foi sugerida como padroeira da localidade pelo senhor Antônio Evêncio, a mesma foi acolhida por todos inclusive pelo vigário do povoado. Vale ressaltar que antes de ser batizado aquele povoado com o nome Santa Luzia o mesmo já era conhecido como a comunidade da Ema. No ano de 1952 após o termino da construção da Capela, foi feita uma sugestão por parte do Pe. Madeira no mesmo dia da benção da Capela, na qual sugeriu a substituição do nome Ema por Santa Luzia, já que a Capela já estava sendo abençoada com esse nome. A mesma foi bem aceita por todas as pessoas que estavam presente na hora da benção.

Nesse mesmo ano foi realizado o primeiro festejo de Santa Luzia, já contendo a imagem da padroeira dessa comunidade, comprada em 13 de dezembro de 1952. O primeiro festejo teve novenas, missa, procissão e leilão, mantendo sua tradição até os dias atuais, em que todo ano no dia 13 de dezembro se comemora o dia de Santa Luzia, atraindo cada ano mais fiéis e de várias outras cidades.

A igreja de São Sebastião foi o segundo templo religioso a ser construído, mais precisamente no ano de 1960, sob orientação do Pe. José Ignácio de Jesus Madeira, esta, assim

como a Capela de Santa Luzia, contou com a ajuda e apoio dos moradores da comunidade para erguer a igreja, contribuindo seja por trabalho braçal ou financeiro.

Imagem 3 – Padre José Ignácio de Jesus Madeira



Fonte: Arquivo da catedral de Picos

A proposta do padroeiro da cidade foi feita também pelo Pe. Madeira, ao qual foi simpatizado e acolhido por todos. A imagem de São Sebastião foi doada pelo Pe. Madeira bem antes de ser construída a igreja, ocasionando algumas perinigrações com o propósito de obter recursos financeiros para a construção da mesma. Antes de sua construção:

“A população em sua maioria se reunia para fazer orações, missas, novenas, na casa do senhor Raimundo Pereira Leal, um proprietário de terras bastante

religioso, que cedia a sua casa para todos os fiéis daquela região”. (MOURA, LEAL, 2002, p.7).

É válido ressaltar que o terreno em que foi construída a igreja era do pai de Raimundo Leal como era conhecido na região, o Doca Borges, o mesmo descendente de Manuel Borges primeiro morador de Sussuapara como já mencionei anteriormente, cujas as tradições era bem religiosa, resultando na generosa doação do terreno.

A capela de Nossa Senhora de Fátima, situada no povoado carnaubal, assim como as demais foram sendo construídas, com o mesmo empenho e dedicação das pessoas nos diversos setores. No que diz respeito a capela Nossa Senhora de Fátima, suas líderes de construção foram a senhoras Maria Moura primeira professora da escola São Sebastião, que nasceu e residiu até o dia de seu falecimento no mesmo povoado, contando sempre com a ajuda de sua filha Otília, na qual até hoje é responsável junto com seu grupo pela organização dos festejos e eventos que acontecem na igreja.

Imagem 4 – Igreja católica São Sebastião Fátima



Fonte: MOURA, Maria Ana de, LEAL Maria Rosário, Leal, Maria Rosenir. Sussuapara-PI, Sussuapara-PI, 2002, p.07.

Imagem 5 – Igreja católica Nossa Senhora de Fátima



Fonte: MOURA, Maria Ana de, LEAL Maria Rosário, Leal, Maria Rosenir. Sussuapara-PI, Sussuapara-PI, 2002, p.07.

A religião evangélica, por sua vez, é mais recente no município de Sussuapara uma vez que seu primeiro templo foi construído em 1999 na comunidade de Abóboras, tendo como primeiro pastor o Sr. Alcimar Carneiro Pessoa. Atualmente há mais três templos de pregação além do situado em Abóboras, sendo o segundo na localidade Lagoa dos Negros, o terceiro em Novo Paquetá, e o último na sede do município de Sussuapara a Assembleia de Deus. As mesmas realizam cultos quase todos os dias, fazendo grandes eventos e assim como os católicos vai despertando o interesse de mais adoradores.

Imagem 6 - Templo da Igreja Assembleia de Deus.



Fonte: MOURA, Maria Ana de, LEAL Maria Rosário, Leal, Maria Rosenir. **Sussuapara-PI**, Sussuapara-PI, 2002, p. 08

3.5 FESTIVIDADES

Como já ficou nítido no texto anterior, o modo de vida dos moradores do então povoado de Sussuapara era bem simples, homens e mulheres lutavam diariamente para o sustento da família, mas esses modos de vida não os desestimulavam de participar das festividades da região, sempre estava participando dos eventos aos quais eram chamados. Inicialmente, as festas eram feitas nas casas de famílias como nos explica a depoente Ana

Dionisia dos Santos:

As festas eram feitas nas casas de família, sob o toque da sanfona, não tinha luz, era na lamparina mesmo (risos), só os rapazes podia ir sozinho, já as moças para participar tinha que ir com toda a família, se fosse sozinha ou participa-se de várias festa eram chamadas de “Lamparina de forro”, ficando mal falada na região (SANTOS, 2016).

De acordo com as informações da depoente, se percebe que os eventos eram rígidos para as mulheres, as quais tinham que se submeter à vontade da família para então participadas festividades que ocorria na região. É bem interessante em um trecho do relato da depoente o motivo pelos quais levavam o dono das festas a chamar um pai de família a comparecer a sua festa:

O pai de família era chamado pela quantidade de filhas mulheres que ele tivesse, quem tinha muitas filhas não faltava um forró, (risos) pois, os donos das casas faziam questão de ir na casa chamar pessoalmente. (SANTOS, 2016).

Percebe-se que o sistema de troca nesse povoado não acontecia somente nas práticas de subsistência exercidas no setor rural, mas também no aspecto da diversão, como nos ressaltou a entrevistada, que ao chamar o pai de família, para as festividades da região, acabava fazendo o processo de troca, na qual suas filhas iriam ser utilizadas para chamar atenção masculina, servindo como pares de dança para os rapazes que ali viesse a comparecer e dar lucro aos donos da festa.

Ainda sobre as festas e danças populares da região, o forró sempre predominou na região, havendo outras danças que aconteciam, tais como São Gonçalo, Reisados, “Leseira” e quadrilhas. O reisado era o único grupo formado que divertia a população várias vezes no ano, as demais ocorriam somente no período festivo ao folclore, ou seja, no mês de junho e que reunia um aglomerado de pessoas para se divertir dançando.

As mesmas foram se extinguindo com o tempo, deixando com que a modernidade fosse inserindo outros tipos de danças e espetáculos como as que ocorrem nos dias atuais, a exemplo: o funk, rep, atrações de circo e parque, resultando no abandono dessas tradições, que se tornou quase que inexistentes nos dias atuais.

Havia outros tipos de diversão durante o período folclórico como a brincadeira “Queima o Judas” sendo feita da Sexta-feira da Paixão para o Sábado de Aleluia, tradição que mesmo tendo diminuído permanecem até hoje.

3.6 ARTES E ARTISTAS

No que diz respeito à cultura nas artes literárias, a cidade é contemplada com o escritor Ozildo Batista de Barros, que nasceu em 1956 no povoado Abóboras. É formado em Direito e Teologia. É membro da UEB/PI União de Escritores. E colabora com a imprensa da capital e de Picos, publicando crônicas, artigos e livros, a exemplo, os livros “Das pedras aos Picos” e “Quem manda na sua vida?”.

O município é possuidor de inúmeros artistas, dentre eles estão os repentistas e poetas, Luís Corina, José Aceno e Pedro Idelfonso, todos os sussuaparenses, os quais, mesmo despercebidos por grande parte dessa sociedade, foram perdendo ao longo dos anos certa sensibilidade ao entender as mensagens que esses artistas nos repassam, estes continuam a carregar consigo enormes riquezas que marcou e abrilhantou através de sua criatividade a cultura desse povo e que com certeza ficou marcado na memória de muitos sussuaparenses.

Desde o antigo povoado Sussuapara que a região ficou marcada por lendas, como Mula sem Cabeça e Cabeça de Cuia. As pessoas gostam de contar até nos dias de hoje “causos” e “estórias” a exemplo: *O bezerro que falou*: Um certo dia um fazendeiro cuidando do seu rebanho ouviu uma voz, observando a sua volta percebeu que era um bezerro da sua fazenda que dizia: “Va embora dessa localidade!”. Assustado com o que ouviu começou a planejar sua mudança vendeu propriedades, leiloou o bezerro e mandou celebrar uma missa na capela da sua propriedade, depois foi morar em Goiás, retornando somente a passeio.

Na análise desse “causo” percebe-se uma história sem fundo de verdade, na qual dificilmente alguém acreditaria.

O município ainda contém, várias manifestações artesanais que exercem até os dias atuais, tais como: vaginite, ponto cruz, vassouras de palha, chapéu e Coroá pra fazer talos. Todas essas manifestações artesanais feitas pelos moradores, nunca saem em extinção, as vezes tem períodos menos lucrativos, mais sempre voltam a usufruir desses artesanatos tradicionais.

É importante ressaltar que diante de tudo que já foi evidenciado desde o início desse trabalho, na qual foi utilizado a História Oral através dos relatos dos entrevistados que passaram por grandes transformações na cidade, houve todo um cuidado ao se analisar e interpretar esses relatos, buscando sempre a veracidade dos fatos, tentando analisar e interpretar cuidadosamente não só o discurso exposto sobre a construção dessa história local, que pela maioria da população encontrasse desconhecida, mas também a emoção dos depoentes em está revivendo através de suas lembranças todo aqueles momentos de transformações que o seu município passou.

3.6.1 Culinária

No aspecto cultural daquele antigo povoado tão rico em cultura, encontra-se a culinária típica, a mesma era simples mais considerada de grande sustância para o ser humano, dentre elas destacam-se o cuscuz, beiju com ovo, o baião-de-dois, a Maria Isabel, pamonha, e uma variedade de bolos tais como corredor, bolo-frito e pão de ló. Essas variedades de comidas típicas, mesmo com os fracos invernos, que consequentemente resulta no aumento dos preços dos produtos de subsistência, como o milho, a goma entre outros, e que por motivos financeiros muitos não consome com frequência, continua sendo por grande parte dos sussuaparenses a preferida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho alcançou seu objetivo à medida em que traz uma abordagem que enfatiza o quanto os aspectos sociais, como o trabalho da cidade, que já se destacava, era grandioso para se restringir a um município de Picos, já que possuía meios para cultivar e administrar sua própria economia, por meio de plantações e também de extração de matéria-prima da natureza. Atividades que são praticadas até hoje por parte de moradores da cidade.

A monografia também abordou a trajetória da Sussuapara, que teve momentos de altos e baixos, como por exemplo a disputa para se chegar à conclusão de qual bairro seria o Centro, apontando que mesmo com a decisão final, de que o povoado Melancias ganhou a disputa, o bairro Paquetá continuou a crescer, e hoje é uma localidade tão grandiosa e frequentada quanto o Centro.

Além disso, o trabalho abordou aspectos interessantes voltados às crenças dos sussuaparenses, destacando monumentos importantes que fazem parte de toda a cultura da cidade, como a criação de capelas, igrejas, cemitérios, entre outros, onde pessoas que lutavam por um lugar melhor foram enterradas, bem como as que continuam vivas frequentam com constância para continuar desenvolvendo a sua fé.

A economia também foi e continua sendo fundamental para o processo de dissociação de Picos com a Sussuapara, pois, por meio das plantações, artesanatos, trabalhos braçais, criações de bois, entre outras atividades, principalmente agrícolas, ajudaram a população a ganhar destaque e a depender cada vez menos da cidade de Picos, o que, conseqüentemente, ajudou na emancipação e na construção de um grande prestígio na cidade, que é visitada e admirada por muitas pessoas.

O trabalho também alcançou o objetivo de descrever como se deu a formação das escolas, inclusive, destacando as que permanecem em funcionamento até hoje, levando educação de qualidade aos cidadãos que por aqui vivem, quem foram as primeiras professoras, a contribuição delas na construção da cidade de Sussuapara, no processo de alfabetização de muitos moradores, na preparação de novos profissionais, entre outros pontos importantes, como também a discussão acerca da religião, da criação de templos que até hoje são patrimônios históricos da cidade.

Conclui-se, com isso, que a cidade estava preparada para a sua independência, e como havia muito o que se mostrar com relação a tantas atividades que poderiam elevar o patamar do bairro a uma cidade emancipada, foi chegado o momento do desmembramento, e hoje, a cidade cresce cada vez mais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, I. G. de; NUNES, M. C. P. **Vilas e cidades do Piauí**. In: SANTANA, R. N. Monteiro de. (org). **PIAUÍ: formação-desenvolvimento-perspectivas**. Teresina: FUNDAPI, 1995.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRESCIANI, M.S. METROPOLES: As Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX) In: **Revista Brasileira de História**, v.s, num .8-9, São Paulo - Anpuh, 1985.
- CAMPOMORI, M. J. L. **O que é avançado em cultura**. In: BRANDÃO, C. A. L. (Org). **A república dos saberes: arte, ciência, universidade e outras fronteiras**. Belo Horizonte: Editora.da UFMG, 2008. p. 73-80.
- CARVALHO, P. M. de. **Descrição do sertão do Piauí, completado e entregue ao bispo de Pernambuco no ano de 1697, (comentários e notas do Padre Cláudio Melo)**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2009.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990., p. 34-35.
- BRANCO, C. M. S. B. L. de. **Apontamentos bibliográficos de alguns piauienses ilustres e de outras pessoas notáveis que ocuparam cargos importantes na Província do Piauí**. Teresina: 1879. Obra reeditada pela Academia Piauiense de Letras, em 2012.
- CUCHE, D. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- DELGADO, L. A. N. **Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006
- DEL P. M. **O livro de ouro da história do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, paz e Terra, 1999
- FREITAS, S. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2002.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- KARSAKLIAN, E. **Comportamento do consumidor**. 2. Ed., 3ª reimp., São Paulo: Atlas, 2008.
- MOTT, L. **Piauí Colonial: População Economia e Sociedade**. TERESINA: SECRETARIA DE CULTURA, 1985. 142 p
- Piauí – **UFPI e a Universidade Estadual do Piauí- UESPI SILVA (2016)**.
- PINSKY, J. **As Primeiras Civilizações**. Sao Paulo: Editora Contexto. 2005. P. 57-67
- POLLAK. "La gestion de l'indicible", Actes de la recherche en sciences sociales, 62/63, 1986, p. 30 e seg.

- PRADO, J. C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 23. ed.6. São Paulo: Brasiliense 1999.
- ROLNIK, R. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SANTOS, R. N. L. **Timon, uma flor de cajazeira: do povoamento à vila**. Timon, 2007.
- SILVA, M. A. L. **Formação de Sussuapara-PI**. Sussuapara-PI, 2016.
- VIEIRA, M. A. B. **Educação sociedade picoense: 1850 a 1930**. EDUFPI, 2005.
- MOURA, M. A.; LEAL M. R. L. M. R. **Sussuapara-PI**. Sussuapara-PI, 2002.
- 2017 IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** | v4.6.37
- WEBER, M. **Rejeições religiosas do mundo e suas direções**. In: WEBER, M. Max Weber: textos selecionados. São Paulo: Abril Cultural, 1980.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Maria Nádia da Silva Leal,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02
de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente,
sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Sussuaçara: breve histórico econômico e
sociocultural (1990-2000)
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de
divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 29 de Maio de 2023

Maria Nádia da Silva Leal
Assinatura

Maria Nádia da Silva Leal
Assinatura